

DOMINGO 3º DE QUARESMA – ANO C

Exortação ao arrependimento –

Nessa ocasião, apareceram alguns a falar-lhe dos galileus, cujo sangue Pilatos tinha misturado com o dos sacrifícios que eles ofereciam. Respondeu-lhes: «Julgais que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros galileus, por terem assim sofrido? Não, Eu vo-lo digo; mas, se não vos converterdes, perecereis todos igualmente. E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé, matando-os, eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não, Eu vo-lo digo; mas, se não vos converterdes, perecereis todos da mesma forma.» (Lc 13, 1-5)

O trecho do Evangelho refere *dois factos de Crónica*: um crime cometido por Pilatos que matou alguns peregrinos galileus, vindos a Jerusalém em ocasião da Páscoa, que tentaram revoltar-se contra os romanos. Pilatos não era um homem de coração terno. Os historiadores referem vários episódios dramáticos protagonizados por ele. Jesus responde recordando a derrocada imprevista de uma torre perto da piscina de Siloé. Uns e outros não eram mais pecadores do que outros por ter sofrido uma morte sangrenta.

Pilatos estava preocupado de garantir a ordem e evitar sublevações do povo, por isso, fez intervir os soldados que - sem respeitar aquele lugar santo - massacram os pobres Galileus. Foi decerto um gesto brutal e

sacrílego, um ultraje ao Senhor, uma provocação para com o povo que considera o templo morada do seu Deus.

Por que é que o Senhor não castigou os responsáveis por este crime? Os fariseus, seguindo a doutrina tradicional, responderiam que, com certeza, aqueles Galileus foram punidos pelos pecados cometidos. Jesus reage contra esta maneira de pensar.

Todos estavam à espera que Jesus pronunciasse palavras duríssimas de condenação contra os tiranos romanos. Decerto não faltava quem quisesse envolver Jesus numa revolta armada. Era um crime insuportável, diante do qual não era possível ter paciência ou perdoar. Ao menos era necessária uma gritante declaração contra Pilatos.

A resposta de Jesus é surpreendente. Ele não perde a calma, nem deixa escapar palavras descontroladas. Ele afirma, em primeiro lugar, que aqueles galileus não eram mais culpados dos outros. Em segundo lugar, vê nele *um chamamento à Conversão*.

Jesus lembra *um outro facto de crónica*: a morte repentina de 18 pessoas, pela derrocada de uma torre. Um acidente imprevisto que provocou a morte de pessoas inocentes, vítimas duma fatalidade. Aconteceu a eles, mas podia acontecer também a outros. A morte pode acontecer de repente, por isso é necessário estar preparados, é *um chamamento à conversão*.

A resposta de Jesus *parece evitar o problema*. Não toma posição perante o massacre. Com certeza, Ele condena a violência porque o recurso à violência produz violência e não resolve o problema, só piora a situação. Não se pronuncia diretamente sobre o crime cometido por Pilatos. Não quer entrar em conversas inúteis e limitar-se a praguejar ou maldizer. Ele não fica insensível aos sofrimentos e às desgraças dos outros, muito pelo contrário sente por eles uma profunda compaixão.

Jesus renuncia à violência, mas não foge dos problemas, propõe uma solução diferente: *convida a intervir naquela que é a raiz do mal que está no coração do homem*. É preciso renovar o coração do homem. Jesus não adere à explosão de violência coletiva contra Pilatos, mas convida à conversão interior, *propõe uma mudança de mentalidade*. Somente pessoas renovadas a partir do interior poderão construir um mundo novo, de justiça e de paz.

A parábola da figueira ensina que Deus espera frutos deliciosos e abundantes. De facto, a figueira era o símbolo da prosperidade e da paz (1Rs 5, 5; Is 36, 16). Quem acolhe a Palavra de Deus é como a figueira: produz frutos deliciosos e abundantes. Deus não quer práticas religiosas exteriores, não se contenta das aparências, mas quer uma adesão interior que produz frutos abundantes de amor.

Lucas, o evangelista da misericórdia, fala da paciência de Deus que está disposto a aguardar *mais um ano na expectativa de que a figueira dê frutos*. Um Deus paciente, tolerante para com a fraqueza humana, compreensivo com a dureza da nossa mente e do nosso coração.

A Sua atitude longânime não deve ser entendida como indiferença perante o mal. Deus não aprova a negligência, o desinteresse, a superficialidade. O tempo da vida é demasiado precioso para que se possa desperdiçar um só instante. Logo que se vislumbra a luz de Cristo é necessário acolhê-la e segui-la, imediatamente.

A parábola da figueira é um convite a considerar a Quaresma como um tempo de graça, como um «ano precioso» que nos é concedido (a cada pessoa) para nos convertermos e darmos frutos abundantes de boas obras.